

Estudo Psicométrico da Escala de Avaliação dos Riscos e Oportunidades dos Jovens Utilizadores do Facebook

Psychometric Study of the Scale of Evaluation of Risks and Opportunities for Young Facebook Users

Teresa Paula Marques¹, Alexandra Marques Pinto² e Maria-João Alvarez²

Resumo

O objetivo do estudo foi construir e avaliar as qualidades psicométricas de uma escala sobre riscos e oportunidades do Facebook, em jovens entre os 14 e os 20 anos. Para a elaboração dos itens foi considerada a literatura e realizadas consultas a utilizadores frequentes. O estudo das qualidades psicométricas da escala recorreu a uma amostra de 4572 jovens da CPLP e Macau. A Análise Fatorial Exploratória isolou sete fatores, confirmados através de Análise Fatorial Confirmatória. A escala revelou boa validade convergente para três fatores e aceitável para quatro, bem como boa validade discriminante. Os alfas oscilaram entre .53 e .99. A versão final da escala é composta por vinte e seis perguntas relativas a cinco dimensões de riscos online e duas de oportunidades online. Esta escala poderá constituir um importante instrumento para o estudo dos riscos e benefícios das redes sociais, junto de jovens, nos países de língua portuguesa.

Palavras-chave: Facebook, riscos do Facebook, oportunidades do Facebook, jovens, amostra transcultural

Abstract

The aim of this study was to construct and evaluate the psychometric qualities of a scale on the risks and opportunities of Facebook for young people. The items were generated with recourse to the literature and by consulting frequent users of Facebook. Study of the psychometric qualities was based on a sample of 4572 youths from the community of Portuguese-speaking countries and Macao. The Exploratory Factor Analysis isolated seven factors which were confirmed by Confirmatory Factor Analysis. The scale revealed good convergent validity for three factors and acceptable validity for four, in addition to good discriminant validity. The Alphas oscillated between .53 and .99 The final version of the scale is composed of 26 questions related to five dimensions of online risks and two dimensions of online opportunities. This scale could be an important instrument to study the risks and opportunities of social networks for young people in Portuguese-speaking countries.

Keywords: Facebook, risks of Facebook, opportunities of Facebook, young people, transcultural sample

¹ Licenciada e mestre em psicologia clínica, aluna do Doutoramento interuniversitário em Psicologia da Educação, Faculdade de Psicologia–Universidade de Lisboa/Universidade de Coimbra, Portugal. marques.teresapaula@gmail.com

² Professora Auxiliar, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Portugal.

Introdução

Em março de 2012, segundo dados da ComScore, cerca de 96% da população *online* era utilizadora de redes sociais *online* (RSO), com especial incidência no Facebook. Porém, apesar desta ampla difusão, persiste algum desconhecimento acerca dos riscos e das oportunidades que esta rede acarreta para os seus utilizadores. O objetivo deste estudo foi o de construir e estudar as qualidades psicométricas de uma escala que permitisse avaliar, na Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e em Macau, as oportunidades e os riscos do Facebook. Quando falamos em RSO, referimo-nos a sítios da Web, com perfis, comentários públicos e uma rede social transversal que se encontra publicamente articulada e associada a um perfil (Boyd & Ellison, 2007), sendo que cada um destes elementos desempenha uma função. Os perfis, personalizados por cada utilizador, permitem integrar o indivíduo na rede, enquanto os comentários testemunham a interação social mediada pelo computador. A rede social transversal é, na opinião de Boyd (2004), o que mais caracteriza as RSO e pode ser testemunhada através das listas de amigos, ou conhecidos, que sejam igualmente públicas.

O Facebook surgiu em 2004 e constitui uma alusão ao livro facultado nos EUA, por algumas administrações universitárias, para ajudar os estudantes a conhecerem-se uns aos outros. Qualquer pessoa que declare ter, pelo menos, 13 anos pode registar-se, criar um perfil pessoal, adicionar amigos e trocar mensagens publicamente (através do mural) ou em privado. Os recursos desta rede social incluem o botão “gosto/like”, através do qual os utilizadores podem assinalar se apreciaram certos conteúdos. Há ainda a possibilidade de organizar eventos (como uma festa de aniversário) e utilizar diversas aplicações (e.g. jogos, entre os quais se destaca o popular Farmville).

Diversas investigações têm explorado as relações entre o uso da Internet e múltiplas variáveis psicossociais dos utilizadores mas, por ser uma realidade relativamente recente (final da década de 90), os trabalhos são escassos a nível das RSO. Com vista a conhecer os efeitos da utilização do Facebook, houve, por isso, a necessidade de construir um instrumento que avaliasse os riscos e oportunidades *online* dos jovens utilizadores, pelo facto de não termos identificado na literatura nenhum instrumento disponível.

Riscos das Redes Sociais Online

Os estudos revelam que quando falamos na Internet, em sentido mais amplo, os jovens se mostram conscientes e preocupados com os riscos envolvidos, mas o mesmo não acontece em relação às RSO. Segundo o relatório de 2008 do Office of Communications (OfCom), a fraca perceção de risco neste tipo de redes prende-se com diversos fatores, entre os quais se destaca o fato de as oportunidades que oferecem serem percebidas como superiores aos riscos envolvidos, havendo por isso uma tendência para os desvalorizar.

Correr riscos é uma característica dos adolescentes e, na opinião de Liporace e Casullo (2006), esta tendência poder-se-á associar ao processo de construção da identidade. Neste sentido, a mesma interatividade que atrai os jovens, a qual constitui uma oportunidade oferecida pelas RSO, é também um fator que pode potenciar o surgimento de riscos, como a marcação de encontros e a interação via telefone ou *webcam*, com pessoas que conheceram *online* (Caetano, 2009; Falcão-Reis, 2008; Lin & Subrahmanyam, 2007). Do mesmo modo que facilita a formação de novas amizades, permite que facilmente se quebrem, já que basta um clique para apagar um amigo/*desamigar* (Suler, 2008). Esta atitude, muitas vezes impulsiva, leva a problemas no relacionamento interpessoal, uma vez que o ato de *desamigar* alguém é irreversível. Por outro lado, o utilizador frequentemente não respeita regras de privacidade e revela informações pessoais, coloca fotografias pessoais e/ou ousadas, tecla com desconhecidos, o que o deixa vulnerável ao aliciamento/*grooming* (Carroll & Kirkpatrick, 2011; Davies, 2009; Wallace, 2010; Wolak, Finkelhor, & Mitchell, 2008). Pode, ainda, ser vítima de *cyberbullying*, na forma de comentários rudes e agressivos, de *cybersexting*, através da divulgação pública de fotografias com o intuito de envergonhar, ou *cyberstalking* /perseguição *online* (Davies, 2009; Dias Neves, 2008; Ofcom, 2008). É, igualmente, comum a receção indesejada de fotografias de cariz sexual explícito e textos ofensivos ou violentos, seja por via direta, através da colocação no mural, seja de formas indiretas como um pedido de amizade (Ponte & Vieira, 2008; Wallace, 2010).

As RSO tornaram-se terreno fértil para a proliferação de grupos que assumem um discurso de ódio, através da defesa de ideais xenófobos, racistas e homofóbicos, e que procuram aliciar os

mais jovens a juntarem-se a eles (Citron & Norton, 2011; Council of Europe, 2012; Suler, 2008). Existe também a possibilidade de os jovens receberem convites para aderir a páginas e/ou grupos onde há incitamento a comportamentos de risco que conduzam a perturbações alimentares, ao suicídio, fuga de casa, uso de drogas e de álcool ou a auto-mutilação (Becker, Mayer, Nagenborg, El-Faddagh, & Schmidt, 2004; Emmer, 2013; Litt & Stock 2011; Morais, 2007; Niwa & Mandrusiak, 2012; Recuero, 2005). Há, ainda, grupos/páginas que desafiam os jovens a tirar fotografias em lugares arriscados (*planking*), em posições perigosas (*horsemanship*) ou a “tourear carros” para filmar pequenos vídeos e colocá-los *online*, o que pode conduzir a sérios riscos, em especial para a saúde física dos envolvidos (Marcusa, 2011; Salgueiro, 2011).

Apesar de todos os riscos existentes, os dados do Projeto EU Kids Online (Livingstone & Hasebrink, 2011b), apontam para que Portugal seja um dos países onde os riscos associados ao uso da Internet são mais baixos. Apenas 7% das crianças inquiridas refere ter-se confrontado com um ou mais riscos abordados no referido estudo, sendo que as percentagens mais elevadas se encontram no contato com pessoas desconhecidas (16%) e na revelação de informações pessoais (15%).

Oportunidades das Redes Sociais Online

Os jovens parecem encarar as RSO como mais uma oportunidade, entre outras, para interagir com os amigos com quem convivem diariamente na escola, manter contacto com os que estão distantes geograficamente ou para formar novas amizades e iniciar namoros, num meio relativamente seguro (Ellison, Steinfield, & Lampe, 2007; Lenhart & Madden, 2007; McKenna & Bargh, 2000; Subrahmanyam & Greenfield, 2008). As redes sociais *online* constituem também um meio de obtenção de apoio, sobretudo para jovens isolados, solitários, fisicamente pouco atraentes ou por qualquer motivo ostracizados pelos seus pares (Kimberly & Ybarra, 2009; Mazalin & Moore, 2004; Subrahmanyam & Lin, 2007). Incluem-se, ainda, como oportunidades, a possibilidade de encontrar uma enorme variedade de grupos formados em torno de interesses comuns, facilitando também a partilha de valores entre os seus membros (Bargh & McKenna, 2004; Recuero, 2009).

Os estudos apontam para que a frequência com que os jovens usam as RSO seja estimulada pela quantidade de amigos acrescentados e pelo

tom (positivo / negativo) dos *feedbacks* recebidos. Assim, o efeito da frequência de utilização destas redes como preditora da autoestima social e do bem-estar, é moderado pelo tom dos comentários (Schouten, 2007). O forte impacto que os comentários têm ao nível da autoestima e do bem-estar, explica o fato de os jovens alterarem com frequência os seus perfis, tendo em vista a obtenção de mais comentários em tom positivo. Através da observação das fotografias e da leitura de *posts*, torna-se possível tomar conhecimento dos hábitos dos seus pares (e.g. em termos de vestuário ou locais frequentados), o que contribui para uma aprendizagem social (American Psychological Association, 2011) e para o reforço das competências sociais (Livingstone, 2008). Estas redes constituem também importantes fontes de informação, dando relevantes contributos a nível educacional.

Numa etapa do desenvolvimento em que muitas vezes o jovem experimenta momentos de mal-estar e tendência para comportamentos de risco (Casullo, Cruz, Gonzalez, & Maganto, 2003) alguns procuram informações sobre temas como depressão, violência, álcool e drogas, o que pode abrir caminho para a elaboração de campanhas de prevenção específicas para este contexto (Kimberly & Ybarra, 2009; Lenhart, 2010; Nielsen, Purcell, Smith, & Zickuhr, 2009; Recuero, 2009). Na área profissional e/ou académica, há a possibilidade de divulgação de trabalhos, permitindo a partilha de dúvidas e possibilitando que os jovens se sintam acompanhados pelos colegas durante o estudo (Carroll & Kirkpatrick, 2011). Autores como Pfeil, Arjan e Zaphiris (2008) referem ainda que o Facebook se transformou num importante meio para encontrar emprego ou estágios académicos. Em suma, é frequente destacarem-se os riscos, no entanto, a literatura mostra existirem também oportunidades relevantes para os jovens, associadas ao uso das RSO.

O objetivo do presente estudo foi construir uma escala sobre riscos e oportunidades do Facebook e avaliar as suas qualidades psicométricas junto de uma amostra de jovens da CPLP e Macau. A opção pela construção desta escala, através de uma amostra não apenas nacional, mas alargada aos referidos países, visa a possibilidade de realização de estudos transculturais que permitam conhecer continuidades e descontinuidades nas culturas e práticas de utilização do Facebook pelos jovens.

Método

Participantes

O estudo envolveu uma amostra de 4572 jovens, sendo 74.6% de Portugal, 9.9% do Brasil, 5.6% de Macau, 3.9% de Moçambique, 1.9% de Guiné, 1.7% de S. Tomé e Príncipe, 1.1 % de Angola, 0.8% de Cabo Verde e 0.1% de Timor.

No que respeita à idade dos participantes, 50.4% encontrava-se entre os 14 e os 17 anos, a maioria (61.1%) frequentava o ensino secundário e 27.1% o ensino superior.

Construção da Escala de Avaliação dos Riscos e Oportunidades dos Jovens Utilizadores do Facebook (EAROJUF)

Para a construção dos itens da escala houve a preocupação de se manterem os requisitos básicos apontados por Almeida e Freire (2000) no que concerne à objetividade, simplicidade, relevância, amplitude de domínio e clareza dos itens. Seguindo a sugestão de Pasquali (1998), pedimos a utilizadores frequentes do Facebook, portugueses, brasileiros e angolanos, que respondessem à escala e deixassem sugestões de possíveis alterações, quer em termos do conteúdo, quer da forma de colocação das perguntas. Aos consultores brasileiros e angolanos, foi-lhes também solicitado que avaliassem se os termos utilizados eram facilmente entendidos. Foram realizadas alterações residuais com base nas opiniões recolhidas. A escala ficou, assim, com 33 questões. De seguida, após obtido o consentimento informado dos pais de uma turma de 27 alunos portugueses do 9º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos, procedeu-se à aplicação piloto da escala em sala de aula, com o apoio do professor e da primeira autora. Nenhuma alteração foi sugerida e o tempo de preenchimento variou entre os 15 e os 20 minutos.

As dimensões e sub-dimensões inicialmente incluídas na escala decorreram da revisão bibliográfica e, como referido, da consulta a utilizadores frequentes.

Estando a presente investigação focada nos aspetos ligados estritamente às redes sociais, não pode deixar de considerar o suporte em que se configuram - a Internet - e, nessa medida, os dados da investigação relevante sobre os riscos associados ao seu uso, nomeadamente do Projeto EU Kids Online (Livingstone, Haddon, Görzig & Ólafsson, 2011a). O referido Projeto assinala quatro grandes categorias de riscos (agressividade e violência, sexuais, valores negativos e comerciais) perante os quais as crianças se podem

posicionar de três maneiras distintas, seja como recetoras de conteúdos, como participantes em contatos iniciados por adultos desconhecidos, ou como atores em relação de pares. No nosso estudo, excluímos a categoria de riscos comerciais e abordámos os restantes riscos apenas no posicionamento de recetor de conteúdos. Acrescentámos alguns riscos (e.g. aderir a páginas e/ou grupos onde há incitamento a comportamentos de risco) e oportunidades (e.g. iniciar namoros num meio relativamente seguro) especificamente ligados às redes sociais, tendo por base outros estudos (Recuero, 2009; Ellison, Steinfield, & Lampe, 2007). Por fim, agrupámos estes riscos em seis grandes áreas: segurança, privacidade, interatividade, agressividade, valores/ideologias e incitamento a comportamentos de risco. Na área da segurança, considerámos cinco subáreas: uso das ferramentas de segurança, mistura de audiências, avaliação ilusória, quantidade de amigos que já conhecia pessoalmente quando os adicionou e fornecimento de informações pessoais. A respeito da privacidade, abordámos tanto aspetos relativos às imagens (e.g. colocar *tags* nas fotografias) como aos conteúdos (e.g., revelar no mural onde vai nesse dia). Na área de riscos decorrentes da interatividade incluímos a aceitação de amizade pedida por desconhecidos, quebra de relacionamentos e uso das ferramentas de comunicação da rede social. No risco de sujeição à agressividade, incluímos os atos de assédio (*grooming*), exposição a conteúdos sexuais e *cyberbullying* (o qual inclui também o *cyberstalking* e o *sexting*). Na área dedicada aos riscos de valores/ideologias, abordámos os riscos associados a grupos/páginas nas redes sociais *online* que difundem mensagens com determinados valores/ideologias (racismo, xenofobia, homofobia, ódio contra alguém específico). Por fim, na área do incitamento a comportamentos de risco, referimo-nos à existência de grupos/páginas que instigam a determinados comportamentos, como por exemplo a auto-mutilação.

No que respeita às oportunidades, foi considerado um conjunto de benefícios que resulta da utilização desta rede. Com base na literatura atrás referida (e.g. Bargh & McKenna, 2004; Livingstone, et al, 2011a) e em depoimentos de utilizadores frequentes, considerámos três grandes áreas: crescimento afetivo-social (incluiu aspetos como a obtenção de apoio psicológico, reforço da autoestima, ajuda para ultrapassar constrangimentos), aumento de competências

sociais (referimo-nos ao estabelecimento de relações interpessoais, melhoria das competências sociais, aumento do sentimento de pertença) e inserção social e cultural (apoio no trabalho escolar, contacto com o mundo do trabalho, obtenção de informações acerca de aspetos ligados à saúde, sexualidade, notícias do país e do mundo).

Em cada pergunta, o jovem optava por respostas sugeridas, as quais correspondiam a níveis diferentes de risco/opportunidade. As alternativas de resposta apresentadas variaram entre quatro e onze, sendo que em alguns casos os participantes podiam escolher mais do que uma opção. Por exemplo, a pergunta “Já acabaram uma amizade contigo através do Facebook?” “ tinha como hipóteses de resposta: “Não”; “Sim, através de uma mensagem privada”; “Sim, através de uma mensagem colocada no mural”; “Sim e ficaste a saber porque foste apagado/a da lista de amigos/as, foste “desamigado/a” dessa pessoa”; “Sim, através de uma mensagem no mural e também uma mensagem enviada para ti e para todos/as os/as amigos/as comuns”. Existiram, ainda, algumas perguntas cuja opção de resposta era dicotómica (Sim/Não), como por exemplo “Alguma vez recebeste elogios através do Facebook, de uma pessoa mais velha e que não conhecias?”. Obtínhamos, então, informação sobre se o Facebook tinha/não tinha, criado determinada oportunidade, ou se o jovem tinha, ou não, corrido risco.

Procedimento

Questões éticas

A EAROJUF foi inicialmente submetida a avaliação pela Comissão de Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, que considerou ser necessária a obtenção do consentimento informado por parte dos pais, para a participação dos jovens menores. Esta decisão foi consonante com a de outros investigadores que afirmam que, mesmo tratando-se de estudos cuja recolha se faz via web, o consentimento informado, a privacidade e o anonimato são fundamentais para a proteção dos participantes, sobretudo quando estes são particularmente vulneráveis (e.g. Ess, 2007). Certificámo-nos também que a plataforma FreeOnline Surveys, utilizada para recolha dos dados *online*, não retinha qualquer tipo de informação que permitisse a identificação dos participantes (por exemplo: IP, email...). No cabeçalho da escala incluiu-se um e-mail de

contacto e, no final da mesma, uma listagem de recursos de ajuda a que os jovens poderiam recorrer, uma vez que na escala eram abordados temas sensíveis como a ideação suicida, a automutilação, entre outros. Solicitámos também a autorização da entidade do Ministério da Educação responsável pela monitorização de inquéritos em meio escolar (<http://mime.gepe.min-edu.pt/EntidadeRegisto.aspx>), cuja aprovação nos permitiu recolher dados em instituições de ensino público.

Recolha da amostra

A amostra foi obtida através de três procedimentos realizados em simultâneo. Lançámos no Facebook o pedido de colaboração a pais de jovens menores, para que estes incentivassem os filhos a preencher a escala. Paralelamente enviámos um e-mail a todas as Associações de Pais e escolas (públicas e privadas) do ensino básico, secundário, profissional e universitário, em Portugal, nos países da CPLP e Macau, com a explicação do estudo e pedido de colaboração. Seguimos as diretrizes sugeridas por Solomon (2001), uma vez que este autor considera a inclusão de um e-mail explicativo como uma abordagem especialmente eficaz para solicitar a colaboração em estudos baseados em questionários *online*. Na sequência das respostas positivas por parte dos estabelecimentos de ensino, pedimos que nos informassem acerca do número de alunos com menos de 18 anos, para que fossem enviados (via CTT) os documentos de consentimento informado. Coube então aos professores a tarefa de distribuir estes documentos e recolhê-los passados 8 dias. Enviámos em seguida o link que dava acesso à escala colocada na plataforma FreeOnline Surveys. Os alunos cujos pais permitiram a colaboração no estudo acederam ao link e preencheram-no sob supervisão de um professor. Aos alunos maiores de 18 anos, foi-lhes pedida diretamente a colaboração.

A colocação da escala *online* facilitou o acesso a jovens que, de outro modo, dificilmente fariam parte da amostra. As exceções foram a amostra recolhida num colégio de Lisboa que considerou mais prático que as respostas fossem realizadas em papel e a amostra de S. Tomé e Príncipe que, devido a dificuldades de cobertura de rede, recebeu a escala em papel via CTT, sendo depois as respostas rececionadas pela mesma via.

Seguindo as recomendações de autores como Jeavons (1998) e Zhang (1999), simplificámos a

escala, tornando-a não só esteticamente agradável e pouco extensa, como também de fácil resposta mesmo para jovens que não estivessem tão familiarizados com a web. A escala esteve *online* durante seis meses (de novembro a abril de 2012).

Procedimentos de Análise

Para uniformizar as respostas, tendo em vista o tratamento estatístico dos dados, um painel de especialistas definiu para cada pergunta 4 níveis de risco / oportunidade, correspondendo 0 à ausência de risco/oportunidade e 3, a risco elevado/elevada oportunidade. Em função dessa definição, as várias alternativas de resposta foram reorganizadas nestas 4 categorias. As questões cujas respostas eram dicotômicas foram agrupadas a outras que abordavam a mesma temática, de forma a obterem-se opções de resposta com 4 níveis de risco/oportunidade.

Tratando-se de uma escala construída para esta investigação, não existia informação sobre a sua estrutura fatorial. Assim sendo, com recurso aos programas SPSS 19.0 e AMOS 18.0, foram realizadas análises para avaliar a validade e a fiabilidade das medidas. A validade fatorial foi testada, primeiramente, através de Análise Fatorial Exploratória e em seguida de Análise Fatorial Confirmatória. As validades convergente e discriminante das sub-escalas foram calculadas através da Variância Extraída Média (VEM) e comparação desta com o quadrado da correlação entre os diferentes fatores.

Quanto à fiabilidade procedeu-se à análise da consistência interna dos fatores identificados, através do cálculo dos valores de alfa de Cronbach. Recorreu-se ainda à estatística descritiva dos itens e fatores e à análise das correlações de Pearson entre item e fatores e inter fatores.

Dividiu-se, aleatoriamente, a base de dados em duas partes e utilizou-se uma para realizar a Análise Fatorial Exploratória (AFE) dos itens relativos aos riscos e oportunidades *online*, recorrendo ao método de análise de componentes principais, seguido de rotação Varimax. Utilizaram-se 4 critérios para a determinação dos fatores e dos itens a reter, a saber, reter fatores com valor próprio igual ou superior a 1, retirar fatores de item único e retirar itens com peso fatorial no fator inferior a .45 e itens que saturassem noutro fator acima de .35. Com a outra metade da amostra, avaliou-se a qualidade do ajustamento dos modelos de medida das sub-escalas propostas, recorrendo-se à Análise Fatorial Confirmatória. O ajustamento dos modelos

utilizou o qui-quadrado (χ^2), o índice de ajustamento comparativo (CFI), o índice de qualidade do ajustamento (GFI), o índice Tucker-Lewis (TLI) e a raiz da média quadrática dos erros de aproximação (RMSEA), sendo considerados ajustamentos satisfatórios valores de CFI, GFI e TLI > .90 (Bentler, 1990; Bentler & Bonett, 1980) e RMSEA < .07. Na Análise Fatorial Confirmatória o refinamento dos modelos de medida foi realizado com base nos índices de modificação, alterando-se trajetórias para índices de modificação superiores a 11 (Maroco, 2010). Aceitaram-se modelos de acordo com os valores referidos para os índices de ajustamento. Todos os fatores foram estandardizados fixando as suas variâncias em 1.00 e correlacionados entre si.

Resultados

Validade de Construto e Fiabilidade

Validade Fatorial

Análise Fatorial Exploratória (AFE)

A melhor solução isolou 7 fatores e a estrutura final explicou 61% da variância dos resultados. Aplicou-se a prova de medida da adequação da amostra Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), a qual indicou que as variáveis mediam fatores comuns, uma vez ter-se obtido um valor para KMO de 0.855, indicador de correlação elevada entre os itens. O teste de esfericidade de Bartlett, que permite definir se a matriz de correlação é uma matriz de identidade, ao ter valores de p inferiores a .001 demonstrou que a própria matriz era fatorizável.

O fator 1 agregou os riscos *online* e defesa de valores e ideologias de discurso de ódio. Incluiu itens que remetem para ter aderido a um grupo/página que incentivasse determinados comportamentos ou atitudes, tais como o discurso de ódio contra uma pessoa (ROdio), contra homossexuais (RHomof), contra pessoas de outra raça ou país (xenofobia e/ou racismo – RXenorac), estimulasse a automutilação (RAutomut), os distúrbios alimentares (RDalim), a fuga de casa (RFuga), o suicídio (RSuic), a utilização de drogas e/ou álcool (RDroga), tirar fotografias em posições perigosas para serem colocadas no Facebook (planking e/ou *horsemanning* - RPlank) e/ou a filmagem de vídeos em situações perigosas (RVideos). O fator 2 remeteu para riscos específicos do cyberspaço e agregou itens relativos a ser vítima de cybersexting (RSext), cyberstalking (RStalk) e cyberbullying (RBully). O fator 3 referiu-se a oportunidades de inserção social e cultural,

incluiu itens ligados ao contacto com o mundo do trabalho (OMtrb) e obtenção de informação acerca do país e do mundo (OInf). O fator 4, agrupou diversas oportunidades de crescimento afetivo-social e, nele, saturaram itens sobre a possibilidade de obtenção de apoio por parte dos amigos (OApoio), expressão de afetos (Oafecto), melhoria das habilidades sociais (OHsoc), relacionamento interpessoal (ORElac) e colocação de conteúdos no mural referentes a informações pessoais (RCont). O fator 5, remeteu para riscos associados a desconhecidos e incluiu adicionar (RAdesc) ou entrar em contacto com desconhecidos (RCdesc) e ainda itens ligados à avaliação ilusória que pode preceder a aceitação de um pedido de amizade (RAvilus). O fator 6, incluiu itens relativos aos riscos de receção indesejada de conteúdos agressivos (RAgress)

e/ou sexuais (RSex). O fator 7, referiu-se a riscos relativos ao terminar de relacionamentos e incluiu acabar um namoro (RAnam) e/ou acabar uma amizade (RAamiz) através da rede social.

No Quadro 1 observam-se os pesos fatoriais, as comunalidades e os alfas de cada item das sub-escalas. Os fatores foram constituídos por 2 a 10 itens. O item OMtrb obteve o peso fatorial mais elevado e o ORelac o mais baixo. No que respeita às comunalidades, a mais elevada surgiu no item OApoio e a mais baixa no item RAssad.

Análise Fatorial Confirmatória (AFC)

Os resultados da Análise Fatorial Confirmatória da estrutura em 7 fatores apresentaram inicialmente um ajustamento sofrível. Após refinamento do modelo (que manteve a composição dos fatores, com exceção

Quadro 1. Pesos fatoriais e comunalidades dos itens que definem os 7 fatores e correlações item-total da escala e valores de alfa obtidos na AFE.

Itens	Pesos fatoriais	Comunalidades h^2	Correlação item-total da escala	Alfas se o item for apagado
F1 - Riscos <i>online</i> e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio ($\alpha = .86$)				
RFuga	.79	.48	.66	.83
RAutomut	.78	.47	.61	.83
RDalim	.74	.66	.61	.83
RXenorac	.74	.62	.61	.83
RHomof	.70	.43	.58	.83
RPlank	.70	.73	.61	.83
RVideos	.68	.75	.59	.84
ROdio	.65	.93	.59	.84
RSuic	.65	.87	.50	.84
RDroga	.57	.90	.54	.86
F2 - Riscos específicos do Cyberspaço ($\alpha = .81$)				
RSext	.90	.43	.70	.60
RBully	.89	.53	.50	.90
RStalk	.88	.50	.69	.57
F3 - Oportunidades de inserção social e cultural ($\alpha = .99$)				
OMtrb	.97	.49	.94	α
OInf	.96	.57	.90	α
ORElac	.55	.94	.50	.52
F4 - Oportunidades de crescimento afetivo-social ($\alpha = .69$)				
OApoio	.70	.95	.51	.55
RCont	.68	.57	.50	.52
Oafeto	.65	.54	.42	.60
OHsoc	.58	.47	.44	.52
F5 - Riscos associados a desconhecidos ($\alpha = .53$)				
RAdesc	.74	.49	.51	.55
RCdesc	.65	.65	.50	.52
RAvilus	.61	.63	.42	.59

RAssd	.58	.37	.44	.52
F6 - Riscos de recepção indesejada de conteúdos agressivos e/ou sexuais ($\alpha = .70$)				
RAgress	.83	.59	.53	⊠
RSex	.80	.55	.53	⊠
F7 - Riscos ligados ao terminar de relacionamentos ($\alpha = .60$)				
RAnam	.76	.53	.42	⊠
RAamiz	.74	.45	.42	⊠

⊠ - o valor é negativo devido a uma covariância negativa média entre os itens

dos fatores 4 e 5, dos quais foram removidos os itens RAvilus e RCont, respetivamente, por apresentarem pesos fatoriais inferiores a 0.45 e do item ORelac que passou para o fator 4 por apresentar valores de covariância muito elevados com este fator), obteve-se um bom ajustamento à amostra em estudo, $\chi^2(278) = 2399.48$, CFI = .917, GFI = .925, TLI = .903 e RMSEA = .058. Na figura 1 apresentam-se os fatores finais da análise fatorial confirmatória.

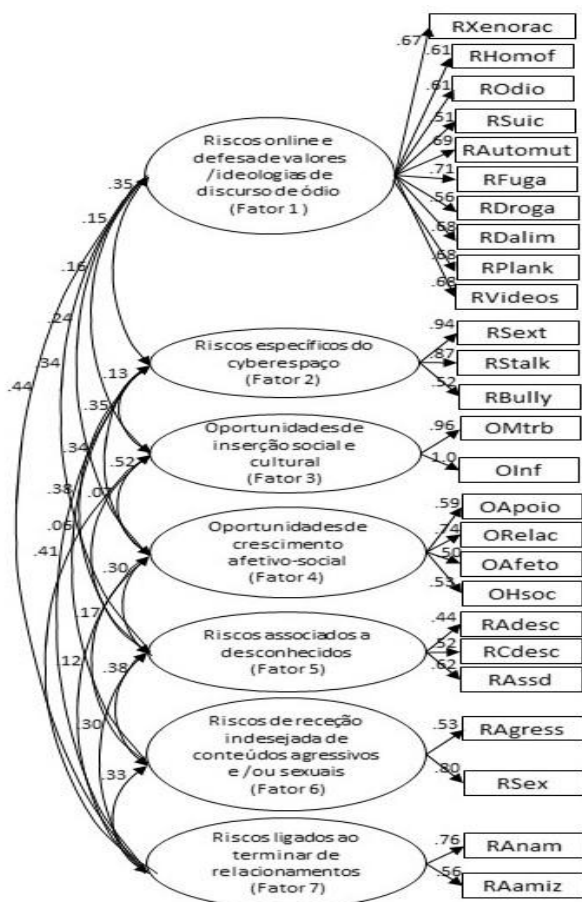


Figura 1. Análise Fatorial Confirmatória dos fatores finais ajustada à amostra do estudo ($n = 2286$). Pesos fatoriais, $\chi^2(278) = 2399.48$, CFI = .917, GFI = .925, TLI = .903, RMSEA = .058

Validade Convergente, Divergente e Fiabilidade

A variância extraída média (VEM), um indicador de validade convergente dos fatores, mostrou-se adequada para o fator 2 (.64), fator 3 (0.98) e fator 6 (.54), sendo menos aceitável para o fator 1 (.41), fator 4 (.35) e fator 7 (.43) e, em particular, para o fator 5 (.28). As VEM extraídas para cada par de fatores mostraram-se superiores ao quadrado da correlação entre os fatores, revelando assim boa validade discriminante dos fatores da escala.

A análise dos valores de alfa revelou boa consistência interna para o fator 1 (.87), fator 2 (.83), fator 3 (.99), fator 4 (.68) e fator 6 (.70), aceitável para o fator 7 (.60) e abaixo do desejável para o fator 5 (.53).

Análise Descritiva e Correlacional

Observamos no Quadro 2 que as médias mais elevadas surgiram num item de risco (adicionar desconhecidos) e num de oportunidade (obtenção de apoio por parte dos amigos), enquanto que as médias mais baixas se encontraram associadas a dois itens ligados a riscos (adesão a grupos/páginas de incentivo a filmagens de vídeos perigosos e adesão a grupos/páginas de incentivo a planking e/ou horsemanning).

Relativamente aos desvios-padrão, destacou-se novamente pelos seus valores elevados, a oportunidade de obtenção de apoio por parte dos amigos, enquanto os riscos de adesão a grupos/páginas de incentivo a filmagens de vídeos perigosos obtiveram os valores mais baixos.

Ao nível dos fatores, as médias mais elevadas surgiram nos riscos associados a desconhecidos e nas oportunidades de crescimento afetivo-social. Por sua vez, foram os riscos *online* e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio e os riscos ligados ao terminar de relacionamentos, aqueles onde se obtiveram valores mais baixos.

O desvio-padrão mais elevado foi encontrado no fator ligado às oportunidades de inserção social e cultural, enquanto o mais baixo surgiu no fator de riscos *online* e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio

O estudo das correlações entre fatores (Quadro 3) mostrou a existência de correlações moderadas entre vários fatores, a saber, entre os dois fatores de oportunidade; entre riscos ligados ao terminar de relacionamentos e os riscos *online* e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio; entre os riscos de receção indesejada de conteúdos sexuais e/ou agressivos e os riscos específicos do cyberspaço; e entre os riscos de receção indesejada de conteúdos sexuais e/ou agressivos e os riscos associados a desconhecidos.

As correlações mais baixas surgiram entre os riscos associados a desconhecidos e as oportunidades

de inserção social e cultural, e entre estas oportunidades e os riscos ligados ao terminar de relacionamentos.

No que diz respeito às correlações entre itens e fatores (Quadro 4), os valores mais elevados surgiram: no fator 1, nos itens de riscos de incentivo à fuga de casa (RFuga), no fator 2 nos riscos de cyberstalking (RStalk), nos dois itens do fator 3 (oportunidades de contacto com o mundo de trabalho e de se manter informado acerca do seu país e do mundo – OMrtb e OInf), no fator 4 nos itens de oportunidades de obtenção de apoio

Quadro 2. Médias e desvios-padrão dos itens e dos fatores

	M	DP
Fator 1 – riscos <i>online</i> e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio	.08	.27
Adesão a grupos/páginas de incentivo à xenofobia e racismo	.06	.33
Adesão a grupos/páginas de incentivo à homofobia	.12	.47
Adesão a grupos/páginas de incentivo ao ódio contra alguém	.08	.38
Adesão a grupos/páginas de incentivo ao suicídio	.11	.46
Adesão a grupos/páginas de incentivo à auto-mutilação	.05	.31
Adesão a grupos/páginas de incentivo à fuga de casa	.06	.35
Adesão a grupos/páginas de incentivo ao consumo de drogas e/ou álcool	.19	.69
Adesão a grupos/páginas de incentivo aos distúrbios alimentares	.05	.33
Adesão a grupos/páginas de incentivo a planking e/ou horsemaning	.04	.31
Adesão a grupos/páginas de incentivo a filmagens de vídeos em situações perigosas	.04	.30
Fator 2 – riscos específicos do cyberspaço	.40	.68
Cybersexting	.21	.52
Cyberstalking	.30	.59
Cyberbullying	.63	.96
Fator 3 – oportunidades de inserção social e cultural	.70	.96
Contacto com o mundo do trabalho	.69	.95
Manter-se informado acerca do seu país e do mundo	.72	.97
Fator 4 – oportunidade de crescimento afectivo-social	1.12	.56
Obtenção de apoio por parte dos amigos	1.5	1.25
Estabelecimento de relações interpessoais	.95	.55
Expressão de afetos	1.17	.38
Melhoria de habilidades sociais	.82	.81
Fator 5 – riscos associados a desconhecidos	1.14	.64
Adicionar desconhecidos	1.90	.74
Entrar em contato com desconhecidos	.93	1.11
Ser vítima de assédio	.61	.67
Fator 6 – receção indesejada de conteúdos sexuais e/ou agressivos	.54	.94
Receção indesejada de conteúdos agressivos	.60	1.06
Receção indesejada de conteúdos sexuais	.47	.93
Fator 7 – riscos ligados ao terminar de relacionamentos	.14	.41
Terminar namoro via Facebook	.11	.43
Terminar amizade via Facebook	.17	.50

Nota: As médias oscilam entre 0 (ausência de risco/oportunidade) e 3 (elevado risco/oportunidade)

Quadro 3. Correlações entre os 7 fatores que compõem a escala

	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7
F1	1						
F2	.35***	1					
F3	.15***	.13***	1				
F4	.16***	.35***	.52***	1			
F5	.24***	.34***	.07	.30***	1		
F6	.34***	.38***	.10***	.17***	.38***	1	
F7	.44***	.41***	.06	.12***	.30***	.33***	1

*** $p < .001$. F1 - Riscos *online* e defesa de valores /ideologias de discurso de ódio; F2 - Riscos específicos do cyberspaço; F3 - Oportunidades de inserção social e cultural ; F4 - Oportunidades de crescimento afectivo-social ; F5 - Riscos associados a desconhecidos; F6 - Riscos de recepção indesejada de conteúdos agressivos e/ou sexuais; F7 - Riscos ligados ao terminar de relacionamentos

por parte dos amigos (OApoio), no fator 5 nos itens ligados aos riscos de ser vítima de assédio (RAssd), no fator 6 nos itens de riscos de recepção indesejada de conteúdos agressivos (RAgress), e no fator 7, nos itens de riscos de terminar uma amizade (RAamiz).

Discussão e Conclusões

Neste trabalho tivemos como objetivo realizar o estudo psicométrico de uma escala de avaliação dos riscos e das oportunidades do Facebook construída para o efeito e adaptada a jovens da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e de Macau.

Quadro 4. Correlações entre itens e fatores

Itens	Fatores						
	1	2	3	4	5	6	7
RXenorac	.68**	.18**	.05*	.10**	.13**	.19**	.23**
RHomof	.69**	.21**	.07**	.12**	.16**	.22**	.20**
ROdio	.65**	.19**	.07**	.09**	.10**	.24**	.18**
RSuic	.62**	.21**	.02	.14**	.11**	.20**	.15**
RAutomut	.68**	.24**	.02	.08**	.11**	.23**	.29**
RFuga	.73**	.18**	.05*	.08**	.09**	.20**	.14**
RDroga	.71**	.14**	.06**	.12**	.11**	.21**	.18**
RDalim	.68**	.23**	.02	.11**	.07**	.14**	.25**
RPlank	.68**	.20**	.06**	.10**	.10**	.18**	.24**
RVideo	.66**	.16**	.04*	.07*	.11**	.13**	.26**
RSext	.31**	.82**	.08**	.29**	.20**	.30**	.32**
RStalk	.27**	.95**	.10**	.28**	.22**	.30**	.30**
RBully	.21**	.94**	.07**	.24**	.24**	.28**	.31**
OMrtb	.05**	.12**	.99**	.34**	.01	.03	.02
OInf	.10**	.14**	.99**	.36**	.04	.06**	.04
OApoio	.13**	.27**	.19**	.86**	.15**	.11**	.11**
ORelac	.10**	.29**	.51**	.67**	.13**	.09**	.04**
OAfeto	.06**	.20**	.22**	.56**	.12**	.10**	.12**
OHsoc	.13**	.26**	.21**	.71**	.15**	.14**	.08**
RAdesc	.11**	.14**	.00**	.10**	.65**	.17**	.06**
RCdesc	-.00	.01	.10**	.09**	.05*	.04	.00
RAssd	.15**	.26**	.00	.20**	.66**	.19**	.18**
RAgress	.25**	.26**	.05*	.13**	.17**	.89**	.16**
RSex	.26**	.32**	.03	.15**	.23**	.86**	.21**
RAnam	.31**	.30**	-.01	.09**	.15**	.22**	.82**
RAamiz	.21**	.26**	.06**	.12**	.11**	.13**	.87**

* $p \leq .05$ ** $p \leq .001$

O estudo realizado com 4572 jovens pôs em evidência as qualidades psicométricas satisfatórias do instrumento desenvolvido ao nível da sua validade fatorial, convergente, discriminante e fiabilidade.

Os resultados obtidos permitem-nos concluir que a presente escala possibilita a avaliação dos riscos e oportunidades em 5 e 2 dimensões, respetivamente. As análises estatísticas do conjunto de itens inicialmente propostas a partir da literatura sobre as dimensões de risco e oportunidades das redes sociais *online*,

conduziram à eliminação de diversos itens e ao reagrupamento de outros em novos fatores de riscos e oportunidades. Assim, no que refere aos riscos, os itens relativos à segurança (cruzamento de audiências, avaliação ilusória, uso de ferramentas de segurança, fornecimento de informações pessoais) e à privacidade (privacidade de conteúdos, colocação de tags nas fotografias e vídeos, privar o perfil) inicialmente considerados, não mostraram ter qualidades psicométricas aceitáveis e foram excluídos. Os itens “adicionar desconhecidos” e “entrar em contato com desconhecidos”, agruparam-se ao item “assédio” passando a constituir uma

dimensão designada por “riscos associados a desconhecidos”.

A receção indesejada de conteúdos sexuais e/ou agressivos passou a constituir um único fator. O cybersexting, cyberbullying e cyberstalking, agruparam-se num só fator, constituindo perigos específicos do cyberspaço. Os riscos associados aos grupos/páginas criados no Facebook com o objetivo de difundir ideais e valores xenófobos, racistas, homofóbicos, de discurso de ódio ou ligados à incitação de comportamentos de risco (e.g. automutilação, fuga de casa), reuniram-se num único fator a que chamamos riscos *online* e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio. Relativamente às oportunidades criadas pelas redes sociais *online*, foram excluídos os itens relativos ao reforço da autoestima, apoio nos trabalhos escolares e aumento do sentimento de pertença. Mantiveram-se as restantes oportunidades por nós consideradas, encontrando-se agora agregadas em dois fatores que designamos por crescimento afetivo-social (inclui a obtenção de apoio por parte dos amigos virtuais, melhoria das habilidades sociais, relacionamento interpessoal, possibilidade de expressão de afetos) e inserção social e cultural (estabelecimento de contacto com o mundo do trabalho, obtenção de informações acerca do seu próprio país e do mundo).

Assim sendo, a escala, inicialmente constituída por 33 questões, ficou na sua versão final composta por 26 questões, distribuídas por 5 fatores de risco e 2 fatores de oportunidade.

A correlação entre as oportunidades de inserção social e cultural e as oportunidades de crescimento afetivo-social sugere que o relacionamento com os amigos adicionados no Facebook permite, como prevíamos tendo por base estudos já referidos (Kimberly & Ybarra, 2009; Mazalin & Moore, 2004; Subrahmanyam &

Lin, 2007), que o jovem sinta que tem permanentemente alguém disponível para o ouvir e apoiar nos momentos de crise. Paralelamente, as relações interpessoais que se estabelecem, propiciam trocas de informação que se podem revelar muito úteis, mesmo nos casos de procura de pequenos trabalhos, locais para estágio ou outras oportunidades profissionais.

Os resultados do presente estudo estão de acordo com os obtidos por Suler (2008), os quais mostraram que terminar uma relação via Facebook causava um impacto negativo nos relacionamentos interpessoais. De fato, ter visto o namoro e/ou uma amizade acabar por esta via encontra-se muito correlacionado quer com os riscos específicos do cyberspaço, quer com os riscos *online* e defesa de valores/ideologias de discurso de ódio. Aliás, parece tornar os jovens vulneráveis aos outros riscos, mas também constituir uma oportunidade para crescimento afetivo-social. É possível que, face a uma situação deste tipo, os jovens desabafem com os amigos virtuais e obtenham apoio nos momentos mais críticos. No entanto, estes momentos podem facilitar que se transformem em vítimas de cyberbullying e cybersexting, ou seja, face à rutura, o(a) ex-namorado(a) ou ex-amigo(a) pode divulgar conversas íntimas, difundir boatos maldosos ou até publicar fotografias íntimas. Assim sendo, o agressor pode ser uma pessoa conhecida, e o perigo não estar no acto de adicionar desconhecidos como alguns autores pensavam/sugeriram (Davies 2009; Dias Neves, 2008; Ofcom, 2008). Acrescentamos o fato de os riscos associados a desconhecidos se mostrarem só muito levemente correlacionados com os outros tipos de risco, o que, mais uma vez, vem corroborar a ideia de que os agressores podem ser conhecidos e o contacto com desconhecidos não constituir o epicentro dos perigos da utilização do Facebook. No entanto, lembramos que este fator apresentou uma baixa validade convergente e fiabilidade, pelo que será necessário considerar estes resultados com reserva.

Ao mesmo tempo, na tentativa de animar/apoiar o(a) amigo(a) poderá ser colocada demasiada quantidade de mensagens, ou aplicativos no mural, a tal ponto que comecem a ser sentidos como incómodos por parte de quem os receciona (cyberstalking).

Observamos também que as médias e os desvios-padrão mais elevados surgem num fator de risco associado a desconhecidos, e nos dois fatores ligados às oportunidades, ainda que os valores sejam baixos. Os riscos associados a

desconhecidos andam a par das oportunidades de crescimento afetivo-social, estando muito correlacionados entre si. Este dado mostra-nos que riscos e oportunidades coexistem no facebook. Por outro lado, o fato de as médias obtidas ao nível dos riscos serem muito baixas, opõe-se à ideia também disseminada de que as redes sociais sejam lugares muito perigosos para os jovens. O facebook parece constituir um espaço que os jovens utilizam para partilhar afetos, zangas, ódios, vinganças, afastamentos e aproximações, bastante semelhante ao que se passa na vida *offline*.

Pensamos que em futuros trabalhos será útil recolher dados não só via *online*, mas também efetuar entrevistas face-a-face que permitam clarificar alguns resultados deste estudo. Referimo-nos por exemplo, a explorar o tipo de solicitações que os jovens têm por parte dos grupos/páginas de discurso de ódio. Para além disso, importa também explorar o papel ativo do jovem, quer como gerador de riscos, quer como propiciador de oportunidades, uma vez que nesta escala só está contemplado o papel passivo (como vítima dos riscos ou beneficiário das oportunidades criadas). Por fim, o cyberstalking deverá ser abordado na sua vertente mais negativa, uma vez que na presente escala considerámo-lo como fator de incómodo, mas ligado à insistência na colocação de mensagens e/ou aplicativos não agressivos. De futuro, importa incluir nesta escala a faceta de perseguição *online* propriamente dita.

Dispomos, assim, de um instrumento com boas qualidades psicométricas para o estudo dos riscos e oportunidades das redes sociais nos países de língua portuguesa, cuja existência permite o desenvolvimento de futuras investigações no domínio dos efeitos destas redes sociais *online*, junto dos jovens.

Referências Bibliográficas

- Almeida, L.S., & Freire, T. (2000). *Metodologia de investigação em Psicologia da Educação*. Braga: Psiquilibrios.
- American Psychological Association (August 2011). Social Networking's Good and Bad Impacts on Kids. Psychologists explore myths, realities and offer guidance for parents. *American Psychological Association. Web Site*. Acedido Novembro 12, 2012, em <http://www.apa.org/news/press/releases/2011/08/social-kids.aspx>
- Bargh, J., & McKenna, K. (2004). The Internet and social life. *Annual Review of Psychology*, 55, 573-90.
- Becker, K., Mayer, M., Nagenborg, M., El-Faddagh, M., & Schmidt, M. (2004). Parasuicide online: can suicide websites trigger suicidal behaviour in predisposed adolescents? *Nordic Journal of Psychiatry*, 58, 2.
- Bentler, P. M. (1990). Comparative fit indexes in structural models. *Psychological Bulletin*, 107, 238-246.
- Bentler, P.M., & Bonett, D.G. (1980). Significance tests and goodness of fit in the analysis of covariance structures. *Psychological Bulletin*, 88, 588-606.
- Boyd, D. (2004, Abril). *Friendster and Publicly Articulated Social Networking*. Conference on Human Factors and Computing Systems. Paper presented at meeting ACM, Vienna. Acedido Novembro 10, 2012, em <http://www.danah.org/papers/CHI2004Friends ter.pdf>
- Boyd, D., & Ellison, N. B. (2007). Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13 (1), 1-11.
- Caetano, H. D. (2009). *A segurança na utilização da Internet numa escola de ensino secundário: Situação actual e perspectivas futuras*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Carroll, J.A., & Kirkpatrick, R.L. (2011). Impact of social media on adolescent behavioural health. Oakland, CA : *California Adolescent Health Collaborative*. Acedido Janeiro 31, 2013, em <http://www.californiateenhealth.org/wpcontent/uploads/2011/09/SocialMediaAug2011.pdf>
- Casullo, M.M., Cruz, M.S., Gonzalez, R., & Maganto, C. (2003). Síntomas psicopatológicos en adolescentes: Estudio comparativo. *Revista Ibero-Americana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, (2) 16, 135-150.
- Citron, D.K., & Norton, H. (2011) Intermediaries and hate speech: Fostering digital citizenship for our information age. *Boston University Law Review*, 91, p. 1435.
- ComScore (March 2012). The State of Social Media. ComScore (Web Site). Acedido Janeiro 31, 2013, em

- <http://www.slideshare.net/karanbhujbal/the-state-of-social-media2012-comscore-report>
- Council of Europe (Abril de 2012). Young People Combating Hate Speech On-Line - Mapping study on projects against hate speech online. Acedido Fevereiro 13, 2013, em http://www.coe.int/t/dg4/youth/Source/Training/Training_courses/2012_Mapping_projects_against_Hate_Speech.pdf
- Davies, T. (2009). Safe and effective SNS applications for young people considerations in building social networking applications for under 19s. Tim's Blog (Web Site). Acedido Dezembro 14, 2012, em <http://www.timdavies.org.uk>
- Dias Neves, M.G. (2008). *Crianças e comunicação online: Pistas para uma prevenção precoce do risco*. Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Tecnologias da Informação, Comunicação e Cultura. Lisboa: ISCTE (departamento de Sociologia).
- Ellison, N. B., Steinfield, C., & Lampe, C. (2007). The benefits of Facebook "friends:" Social capital and college students' use of online social network sites. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 12(4), article 1. Acedido Março 2012, em <http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue4/ellison.html>
- Emmer, J. (January 2013) Self mutilation groups thrive on Facebook. *Examiner.Com*. Acedido Junho 15, 2012, em <http://www.examiner.com/article/self-mutilation-groups-thrive-on-Facebook>
- Ess, C. (2007). Internet research ethics. In A. Joison, K. McKenna, T. Postmes, & V. Reips (Eds), *The Oxford handbook of Internet psychology* (pp. 487-503). Northamptonshire: Oxford University Press.
- Falcão-Reis, F. (2008). *Digital identity – Identity, security and privacy*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
- Jeavons A. (1998) Ethology and the Web: Observing respondent behavior in Web surveys. *Proceedings of the Worldwide Internet Conference*, Amsterdam: ESOMAR, 1998, Acedido Março 6, 2013, <http://w3.one.net/~andrewje/ethology.html>
- Kimberly J. M., & Ybarra, M. (2009). Social networking sites. Finding a balance between their risks and benefits. *Archives of Pediatric Adolescent Medicine*, 163(1), 87-89.
- Lenhart, A., Purcell, K., Smith, A., & Zickuhr, K. (2010). Social media & mobile internet use among teens and young adults. *Pewinternet*. Acedido Fevereiro 7, 2013, em: http://web.pewinternet.org/~media/Files/Reports/2010/PIP_Social_Media_and_Young_Adults_Report_Final_with_toplines.pdf
- Lin, G., & Subrahmanyam, K. (2007) Adolescents on the net: Internet use and well-being. *Adolescence*, 42(168), 659-677.
- Liporace, M.F., & Casullo, M.M. (2006). Validación factorial de una escala para evaluar riesgo suicida. *Revista Ibero-Americana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, 1,(1), 9-22.
- Litt, D.M., & Stock, M. (2011). Adolescent alcohol-related risk cognitions: The roles of social norms and social networking sites. *Psychology of Addictive Behaviors*, Acedido em Fevereiro 17, 2013, em <http://www.nabca.org/News/Files/Adolescent%20Alcohol-Related%20Risk%20Cognitions.pdf>
- Livingstone, S. (June 2008). Taking risky opportunities in youthful content creation: teenagers' use of social networking sites for intimacy, privacy and self-expression. *New Media & Society*, 10(3), 393-411. Acedido Fevereiro 21, 2013, em <http://nms.sagepub.com/content/10/3/393.short>
- Livingstone, S., Haddon, L., Görzig, A., & Ólafsson, K. (2011a). Risks and safety on the Internet. The perspective of European children. Full findings and policy implications from the EU Kids Online survey of 9-16 year olds and their parents in 25 countries. London, LSE, Acedido Dezembro 20, 2014, em [http://www.lse.ac.uk/media%40lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20II%20\(2009-11\)/EUKidsOnlineIIRports/D4FullFindings.pdf](http://www.lse.ac.uk/media%40lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20II%20(2009-11)/EUKidsOnlineIIRports/D4FullFindings.pdf)
- Livingstone, S. & Hasebrink, U. (2011b). Risks and opportunities on the Internet: The perspective of European children, children, risk and safety online: research and policy challenges in comparative perspective conference, 22-23 September, London, acedido Dezembro 20, 2014, em <http://www.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/Presentations/RisksAndOpportunities.pdf>
- Marcusa, A. (2011). Why the Facebook 'planking' craze and why you too could die from it. *Social Times*. Acedido Fevereiro 23,

- 2013, em http://socialtimes.com/the-facebook-planking-craze-and-why-you-too-could-die-from-it_b62617
- Marôco, J. (2010). *Análise estatística com o PASW statistics*. Lisboa: Report Number.
- Mazalin, D., & Moore, S. (2004). Internet use, identity development and social anxiety among young adults. *Behavior Change*, 21(2), 90-102.
- McKenna, K.Y., & Bargh, L.A. (2000). Plan 9 from cyberspace: The implications of the internet for personality and social psychology. *Personality and Social Psychology Review*. Acedido Janeiro 4, 2013, em <http://usuarios.multimania.es/manutxopitea/Pdf/Introduccion.pdf>
- Morais, T. (2007). Redes sociais: Diferenças entre o real e o virtual. *Miúdos seguros na net (Web Site)*, Acedido Janeiro 27, em <http://miudossegurosna.net/artigos/2007-03-08.html>
- Niwa, K.D., & Mandrusiak, M.N. (2012). Self-Injury groups on Facebook. Des groupes d'automutilation sur Facebook. *Canadian Journal of Counselling & Psychotherapy*, 46(1), 1-20.
- OfCom (April 2008). Social networking – a quantitative research report into attitudes, behaviours and use. *OfCom*. Acedido Janeiro 18, 2013, em http://www.google.pt/search?hl=ptPT&q=Social+networking+%E2%80%93+a+quantitative+research+report+into+attitudes%2C+behaviours+and+use.+&btnG=Pesquisar&meta=&aq=f&aqi=&aql=&oq=&gs_rfai=
- Pasquali, L. (1998). Princípios de elaboração de escalas psicológicas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 25(5) Edição Especial, 206-213.
- Pfeil, U., Arjan, R., & Zaphiris, P. (2008). Age differences in online social networking – A study of user profiles and the social capital divide among teenagers and older users in MySpace. *Computers in Human Behavior*, 25(3), 643-654.
- Ponte, C., & Vieira, N. (2008). Crianças e internet, riscos e oportunidades. Um desafio para a agenda de pesquisa nacional. *Projecto EUKids Portugal*. Universidade Nova de Lisboa. Acedido Janeiro 12, 2013, em http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/EU_Kids_OnlineVersao170707.pdf
- Recuero, R. (2005). Comunidades em redes sociais na internet: um estudo de uma rede pró-ana e pró-mia. *Vaparaiso*, 1(2). Acedido Dezembro 20, 2012, em http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/ana_mia.pdf
- Salgueiro, A. (Julho de 2011). Jovem morre a 'tourear' carros. *Jornal Correio da Manhã*. Acedido Novembro 13, 2012, em [:http://www.cmjournal.xl.pt/detalhe/noticias/exclusivo-cm/jovem-morre-a-tourear-carros](http://www.cmjournal.xl.pt/detalhe/noticias/exclusivo-cm/jovem-morre-a-tourear-carros)
- Schouten, A.P. (2007). Adolescents' online self-disclosure and self-presentation. *Partners Ipskamp*, Acedido Janeiro 14, 2013, em http://users.fmg.uva.nl/aschouten/thesis_aschouten.pdf
- Solomon, D. J. (2001). Conducting web-based surveys. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, 7(19). Acedido Janeiro 8, 2013, em <http://PAREonline.net/getvn.asp?v=7&n=19>
- Subrahmanyam, K., & Lin, G. (2007). Adolescents on the net : Internet use and well-being in adolescence. *Adolescence*, 42(168), 659-77.
- Suler, J. (2008) Social Networking for Teens Online: MySpace & Facebook. *SelfHelpMagazine*. Acedido Janeiro 19, 2013, em <http://www.selfhelpmagazine.com/articles/teens-online>
- Wallace, S. G. (2010). Their space or yours? Social networking sites bring risks and rewards to the camp community. *American Camp Organization*. Acedido Fevereiro 4, 2013, em <http://www.acacamps.org/campmag/0609wallace>
- Wolak, J., Finkelhor, D., & Mitchell, K. (2008). Is talking online to unknown people always risky? Distinguishing online interaction styles in a National sample of youth internet users. *Cyberpsychology & Behavior*, 1(3), 340-343.
- Zhang, Y. (1999). Using the Internet for survey research: A case study. *Journal of the American Society for Information Science*. 51(1), 57-68. Acedido Janeiro 30, 2013, em http://www.tim.ethz.ch/education/courses/courses_fs_2007/course_docsem_fs_2007/literature/9_Zhang_Using_the_internet_for_survey_research.pdf